

## **ANTONIO SILVINO: um homem anti-moderno na primeira metade do século XX?**

Rômulo José Francisco de Oliveira Júnior<sup>1</sup>

### **Resumo:**

Antonio Silvino foi um cangaceiro que consolidou seu nome entre os sertões e a cidade de Recife entre os anos de 1900 a 1937. A cidade que vivenciava seu processo de modernização aos moldes urbanísticos cada vez mais causava encantos e desencantos nos cidadãos e viajantes que a visitava. Proponho neste estudo, a partir dos referências teórico-metodológicas de Roger Chartier e Carlo Ginzburg, o primeiro com a idéia de Representação e o segundo com o paradigma da microhistória, analisar as várias representações que foram atribuídas a este cangaceiro presentes nos jornais, cordéis e relatos policiais.

**Palavras chave:** Antonio Silvino, Modernização, Cangaço, Representações

### **Abstract:**

Antonio Silvino was a cangaceiro consolidating his name among Hinterland and the city of Recife between the years 1900 to 1937. The city lives that the process of modernising the way urban increasingly caused charms and ilusions on citizens and travelers that visited. propose in this study, from theoretical and methodological references to Roger Chartier and Carlo Ginzburg, the first with the idea of representation and the second with the paradigm of microhistória, considering the various representations that have been assigned to this cangaceiro in newspaper, cordéis and reports police.

**Key words:** Antonio Silvino, Modernization, Cangaço. Representations

## **ANTONIO SILVINO: um homem anti-moderno na primeira metade do século XX?**

O século XIX foi dando fim a isso. Já prometia ser o irrequieto pai do doido varrido século XX. Vieram outros hábitos, outras músicas, outras danças.<sup>2</sup>

Mario Sette tinha razão ao tecer o comentário de que o século XIX foi pai do século XX. Tempo de permanências e rupturas, com a chegada da República, liberdade dos

---

<sup>1</sup> Mestrando do programa de História Social da Cultura Regional – UFRPE. Integrante do GEHISC. Bolsista FACEPE. Orientadora: Dr<sup>a</sup> Maria Ângela de Faria Grillo – E-mail: romulojunior@oi.com.br

<sup>2</sup> SETTE, Mario. Maxambombas e maracatus. Recife. FUNDARPE. 4<sup>a</sup> edição. 1981. p.36.

escravos, influências européias e modernidade, estas foram as marcas significativas da virada de século.

O visitante que chegava na cidade do Recife, no começo do século XX vislumbrava uma cidade em processo de modernização nas diversas faces que se pode imaginar: urbanização, imprensa, transportes, encantos e desencantos que a modernidade causava em muitos cidadãos.

Tecendo comentários dessa modernização, Mario Sette, vai falar de como os transportes foi umas das coisas que mudou a rotina dos recifenses e olindenses. De destaque foi a atuação do político Dantas Barreto, que dentre várias mudanças significativas, indico as mudanças no sistema de transportes. Sobre estas fala Sette:

O bonde elétrico, para Olinda era uma aspiração de mais de meio século. Em uma criança ouvíamos falar nisso como uma iniciativa iminente. E nunca viera, foi preciso o abalo político da subida de Dantas Barreto para que, com outras transformações recifenses, o sistema de tração de veículos de transporte coletivo se transformasse.<sup>3</sup>

Dentre outros encantos trazidos pela modernidade através do governo de Dantas Barreto, em parceria com o prefeito Eudorico Correa, cito:

Calçamentos modernos nas praças e nas ruas principais do Recife, substituiu os bondes de burros pelos bondes elétricos, pôs iluminação elétrica no centro da cidade e nas ruas dos bairros; modificou e modernizou gradativamente o sistema de águas e esgotos, bem como ampliou a rede escolar e deu início a arborização das ruas e praças, etc.<sup>4</sup>

Os encantos modernos não surgiram apenas porque Dantas Barreto assumiu a administração do Estado, mas por um conjunto de ações oriundas do século XIX, já denotada na administração de Fernando Rego Barros, o Conde da Boa vista. (1835-1842).

Entretanto o Recife não era apenas cidade de olhares modernos, Gregório Bezerra em suas Memórias, vai dizer que existia muita pobreza e miséria no lugar que estava sempre sendo noticiado como Recife de avanços:

Compreendi logo que na cidade dos meus encantos havia também pobreza, miséria e sofrimento. Ali mesmo, na estação, vi uma porção de gente doente pedindo esmolas. Uns aleijados, sem pernas, outros sem braços. Outros cegos. Muitos cheio de feridas. E muitos velhos

---

<sup>3</sup> Idem. p.186

<sup>4</sup> BEZERRA, Gregório. Memórias (primeira parte 1900-1945). Rio de Janeiro. Editora Civilização brasileira. 3ª edição. 1980. p.103.

estendendo as mãos sujas, magricelas e trêmulas, implorando uma esmola pela amor de Deus. Havia ainda alguns de pernas inchadas e calças arregaçadas, exibindo as mazelas à caridade pública. Fiquei frustrado com a cidade encantadora de minhas ilusões.<sup>5</sup>

O historiador Antonio Paulo Rezende vai dizer que:

A modernidade, com as suas invenções, causa realmente espanto e deslumbramento, medos e desejos, e a cidade é o espaço onde ganha maior dimensão. Nessa perspectiva, ela assume aspectos universais. Basta acompanhar as modernizações de tantas cidades européias ou latino-americanas, não importando sua localização, para se verificar os assombros, polêmicas, as seduções que elas provocam.<sup>6</sup>

Estas mudanças que “inventaram” um cotidiano condizente com os ideais de modernidade em voga no Recife do início do século XX fez com que a cidade fervesse não somente ao olhar de seus habitantes, até mesmo os que não mantiveram contato com as rupturas de uma cidade, mas também no olhar dos visitantes. Despertando assim, sentimentos nos homens que noticiavam e faziam as letras da época. Sentimentos que levaram a criação do estereótipo do nordestino como um homem rústico e eugênico, numa tentativa de posicionar àqueles que foram de encontro com essa idéia de modernidade.

Durval Muniz de Albuquerque vai explicar que o Nordeste e o nordestino foi algo gestado pela massa intelectual da década de 20, destacando a atuação do Movimento Regionalista, que buscava a afirmação da região norte em contraposição aos avanços que o sul estava passando e deixando cada vez mais nos bastidores o norte.

O regionalismo literário naturalista, criticado pelo modernismo, bem como o sentimento regionalista que se aguçava tanto no Norte como no Sul do país, contribuem para a emergência do recorte da região Nordeste.<sup>7</sup>

Assim, os ideais modernos começaram a aparecer em oposição aos movimentos sociais, em especial, o Cangaço, fenômeno de banditismo social que permeou quase toda a primeira metade do século XX.

---

<sup>5</sup> Idem. p.98.

<sup>6</sup> REZENDE. Antonio Paulo de Moraes. (Des)Encantos modernos: Histórias da cidade do Recife na década de vinte. Recife. FUNDARPE. 1997. p.30.

<sup>7</sup> Cf. em ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. A Invenção do Nordeste e outras artes. 2ª edição. Recife – FJN. Ed. Massangana. Cortez, 2001.

O Cangaço esteve presente, durante anos, nas páginas dos jornais recifenses sendo noticiado de modo polêmico e como fenômeno que assolava os nordestinos e deturpava a ordem social dos sertões.

Essa imagem pode ser percebida no excerto do Jornal Correio do Recife:

“Está a pedir a urgente e enérgica intervenção do Governo Federal o banditismo que campeia infrene nos ínvios sertões de alguns estados do Norte.

Sucessivos telegramas que o “Jornal do Brazil” tem publicado, dos seus correspondentes nesses estados, Principalmente na Parahyba, relatam scenas, não já de vandalismo, mas de verdadeiras atrocidades dessas hordas que infestam os sertões, que invadem localidades, assolando, destruindo propriedades, matando muitas vezes pelo prazer de matar.<sup>8</sup>

Entre os cangaceiros que tiveram destaque nesse movimento, Manuel Batista de Moraes, O Antonio Silvino, consolidou seu nome nos sertões e na cidade do Recife, pois, viveu 14 anos nas práticas cangaceiras<sup>9</sup> e 23 anos no cárcere da Casa de Detenção do Recife.

Mediante esse panorama de modernização, este cangaceiro foi representado<sup>10</sup> como indivíduo eugênico e rústico pela historiografia, mas, seria Silvino também um homem anti-moderno? Perceber essa oposição remete a analisar o que entende-se por homem eugênico e rústico e anti-moderno.

O século XIX compilou estudos sobre biotipologia, evolucionismo e criminalidade. Nomes como Nina Rodrigues, Euclides da Cunha, Silvio Romero Lombroso, Darwin, entre outros, tornaram proficuos os estudos a respeito das análises sobre eugenia e evolucionismo, em especial no Nordeste. Segundo Durval Muniz:

O discurso eugenista, de base evolucionista, defendia a idéia fundamental de que era a constituição biológica do homem que determinava outras características humanas, como comportamentos e valores.<sup>11</sup>

---

<sup>8</sup> Correio do Recife. 18/06/1910.

<sup>9</sup> Por práticas cangaceiras entende-se: crimes, saques, partilha dos saques com os pobres, desacato à justiça e combates com as volantes da época.

<sup>10</sup> A palavra representação aparecerá várias vezes, tendo em vista que trabalho com o conceito de representações adotado pelo historiador Roger Chartier, no qual os objetos de estudo da História cultural, são cabíveis vários olhares, várias interpretações, ou seja, são representados de diversas formas.

<sup>11</sup> ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. *Nordestino. Uma invenção do falo: uma história do gênero masculino (Nordeste – 1920-1940)*. Maceió, Ed Catavento. 2003. p. 167.

Assim, os homens que viveram no Cangaço, estavam sempre sendo incluídos como exemplos da biotipologia criminal e dos comportamentos subversivos dos estudiosos da época, principalmente os que compuseram a Faculdade de Direito do Recife. Uma prova desse estudo foram as várias análises biométricas feitas em cangaceiros, que tiveram suas cabeças decepadas e expostas em praça pública.

Antonio Silvino em suas práticas cangaceirísticas estava sempre sendo colocado como homem fora dos padrões da lei que regia a justiça de Pernambuco e como um homem eugênico, por natureza.

Pode-se perceber isso nas estrofes do cordel de Chagas Batista do ano de 1907, cujo comportamento subversivo surge em explicação a perda de sua família:

Pedro Batista de Almeida  
E Balbina de Moarais,  
(casados pela igreja)  
São meus legítimos pais  
Ambos estão mortos, por isso  
Cometi crimes sem iguais!

Como Ninguém ignora  
Na minha pátria natal  
Ser cangaceiro é a coisa  
Mais comum e natural  
Por isso herdei de meu pai  
Esse costume Brutal...<sup>12</sup>

Este versos de cordel concordam com a idéia apresentada pelo Diário de Pernambuco, de ser o cangaceiro um homem que subvertia a ordem dos sertões:

Mais uma façanha praticada pelo famoso bandido Antonio Silvino, chegou hontem ao conhecimento do dr. Chefe de polícia. O scelerado, acompanhado de seis cangaceiros, dirigiu-se, como de costume, ao lugar Machado, do município de Bom Jardim, afim de arrecadar algum dinheiro.<sup>13</sup>

Exposições no cordel e no jornal, cuja representação atribuída a Silvino é de homem violento, encaixam-se no discurso eugenista da época. Além de estar nos padrões eugênicos, Silvino era também visto como muitos outros cangaceiros: um homem sem

---

<sup>12</sup> BATISTA, Francisco das Chagas. *A História de Antonio Silvino*. Recife. 1907. p.1 e 2.

<sup>13</sup> Diário de Pernambuco 18/02/1908.

modos, sem requinte, um ser rústico. Ainda em Durval Muniz percebe-se a seguinte explicação para o nordestino:

A violência, a luta, o derramamento de sangue teria sido a tônica desse processo de colonização e de constituição do homem nordestino. O Nordeste teria sido, no passado, uma terra para quem não tinha medo de morrer e nem remorsos de matar. A família nordestina muitas vezes teria se formado do encontro do fazendeiro dominador com a cabocla caçada a patas de cavalo para os haréns.<sup>14</sup>

Essa análise de Durval revela uma representação do homem nordestino como homem rústico, bravo, dominador e o macho por natureza. Muitos dos cangaceiros foram representados dessa forma e Antonio Silvino, não ficou de fora, como se pode perceber na nota do jornal Diário de Pernambuco:

Satisfeito o pedido de Silvino fazendo mil offerecimento despediu-se do major Melchiades e seu filho, dizendo a este:  
- Se lhe acontecer qualquer mal a si ou ao seu pae, mande-me avisar ou faça espalhar para eu ter conhecimento, porque eu venho então dar um ensino a esta corja de bandidos.<sup>15</sup>

Silvino neste excerto de matéria, aparece com a imagem de homem bravo, violento e vingador, além de um homem que honra e protege as pessoas que eram seus coiteiros.

No cordel de Chagas Batista, o cangaceiro vai mostrar-se como macho por excelência e ao mesmo tempo homem piedoso e comovido com a morte de pessoas inocentes, o que vai levar o discurso historiográfico a chamá-lo de cangaceiro romântico:

No ano de mil oitocentos  
e noventa e nove, voltei  
Ao Estado de Pernambuco  
Em canhotinho aceitei  
O chamado de um amigo  
E uma usina cerquei.

Era o Major Santos Dias  
Dono da usina citada  
Que eu cerquei para tomar  
A uma mulher casada  
Que estava do marido  
Alguns dias separada

---

<sup>14</sup> ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. *Nordestino. Uma invenção do falo: uma história do gênero masculino (Nordeste – 1920-1940)*. Maceió, Ed Catavento. 2003. p. 192.

<sup>15</sup> Jornal Pequeno. 07/02/1907.

O major foi avisado  
E do terreiro correu...  
A mulher que fui buscar  
No mato se escondeu;  
E uma moça que passava  
Foi baleada de morreu.

Inda hoje quando relembro  
Esse trágico acidente,  
Tenho pena de mocinha  
Que pereceu inocente,  
Foi ferida por uma bala  
Que Matou-a de repente.<sup>16</sup>

Analisando essas representações atribuídas pela historiografia, por cordéis e por jornais pode-se imaginar que Silvino seria um ser anti-moderno, pois seus comportamentos e valores de justiça social não estavam dentro dos padrões da sociedade recifense.

Essa sociedade que feminilizava-se, fugia dos padrões do patriarcalismo, e cada vez mais ansiava pela modernidade, sempre estava preocupada em apresentar Silvino e os demais cangaceiros como homens sem modos sociáveis, um ser anti-moderno.

O homem moderno era aquele que circulava pelos grandes cafés, que participava das rodas de intelectuais da Faculdade de Direito do Recife, que falava de viagens pela Europa e EUA, os almofadinhas e os que praticavam o footing na Rua Nova e nos cinemas Royal e Pathé.

Como poderia ser o cangaceiro Antonio Silvino um homem Moderno?

A resposta aparece nos mesmo documentos anteriormente citados, cordéis, jornais e ainda em relatos policiais.

Em 1914 ao ser perseguido pela volante do Alferes Theófanos Ferraz Torres, Silvino que encontrava-se acoitado na fazenda Lagoa da Lage, foi descoberto por seus hábitos requintados:

[...] fazendo um certo interrogatório ao dono da propriedade. Neste ínterim entrava pelo quintal da casa um menino de 13 anos presumíveis, filho do fazendeiro, e conduzia consigo uma bacia contendo pratos e talheres. Pairou em meu espírito a desconfiança de que algo anormal se tratava com a chegada do mesmo menor com esses apetrechos. [...] interroguei-o com alguma demora e elle declarou-me que regressava de um roçado par aonde tinha seguido levando comida para diversos trabalhadores. Nossas suspeitas iam deixando-me na dúvida de dar

---

<sup>16</sup> BATISTA, Francisco das Chagas. *A História de Antonio Silvino*. Recife. 1907. p. 6 e 7.

crédito a semelhantes declarações, uma vez que homens de campos são habituados a fazer suas refeições sem servirem-se de talheres, delicadeza esta que se adota em meios adiantados e não em meios rústicos.<sup>17</sup>

Assim percebe-se que Silvino não era apenas um homem rústico como se vê no discurso da imprensa e de alguns cordéis, mas um homem com traços de modernidade, pelo fato de fazer suas refeições servindo-se de talheres e delicadeza do mesmo modo de os cidadãos.

Outra forma de visualizar Silvino como um homem moderno são os relatos de sua permanência na prisão. Sabe-se pela historiografia que os cangaceiros eram homens vaidosos e cuidavam-se com o trajar, as experiências de Benjamim no bando de Lampião apontam muito bem essa imagem.<sup>18</sup> Outros cangaceiros também tiveram essa preocupação. Antonio Silvino além de preocupar-se em vestir-se bem e impor respeito quando estava no sertão, manteve essa preocupação durante a sua longa estadia na Detenção. É o que nota-se no artigo intitulado:

Antonio Silvino na Detenção: A expiação de um bandido  
De elegante a poeta

Há poucos annos a vida desse bandido corria conforme a sua vontade. Senhor absoluto dos sertões de três Estados, Antonio Silvino era um deste poderoso e intangível: saqueava cidades, incendiava povoados, roubava e matava sem que sofresse a menor contrariedade os seus desejos de criminoso tarado, do bandido covarde e imbecil

Recolhido à Casa de Detenção, Antonio Silvino ainda julgava que o seu poderio dos sertões estava àquelle estabelecimento onde entendia dever gosar de grandes regalias. Queria affrontar cynicamente à sociedade. mandou fazer roupas finas, comprar essências, etc. apoderando-se-lhe a mania de dor elegante.

O fato de ser detendo não mudou o cuidado que sempre manteve desde a época de suas andanças pela caatinga, onde estava bem vestido e elegante. Vivendo na Detenção, dentro do núcleo urbano, Silvino agora passa a se vestir como os cidadãos: paletó, lenço e postura elegante, apresentando uma imagem que diverge da que lhe fora associada, homem rústico e ignorante, assemelhando-se ao homem urbano.

---

<sup>17</sup> Relatório da prisão de Antonio Silvino, feito pelo Tenente Teófanos Ferraz Torres. 01/12/1914. Fundo SSP. Delegacia de Polícia. Delegacia de Taquaritinga (vol-1910- 1916), p. 3 e 4.

<sup>18</sup> Cf. em CHANDLER, Billy Jaynes. *Lampião o rei dos cangaceiros*. 4ª edição. Rio de Janeiro. Paz e Terra. 1980.



Antonio Silvino anda diariamente penteado, o que lhe merece especial cuidado, e traz sempre um lenço de seda a cair do bolso do paletot, como é de usos presentemente.

É a mania de parecer elegante que o persegue agora, com um ridículo que a sua grande ignorância não alcança.<sup>19</sup>

A historiografia aponta Antonio Silvino como homem oriundo de família de poses, porém não dedicou-se aos estudos, era tido por analfabeto. Essa imagem que é apresentada por boa parte da historiografia, em especial, no livro *Antonio Silvino: o cangaceiro, o homem, o mito*. contrapõe-se ao discurso jornalístico ao apontar outro comportamento durante sua estadia na cadeia, onde ele ocupava-se em escrever, mostrando assim, aquisição de novos hábitos, que não eram do eu antigo espírito criminoso.

Como não tenha o que se ocupar, Antonio Silvino alimenta agora a mais inofensiva: fazer versos. Seismou que, dentro do seu corpo de bandido, está uma alma de poeta, e haja versos a torto e a direita.

não se surpreenda o público se d'aqui a menos, um livro de versos será talvez o seu maior crime.

Pobres letras pátrias!

Já não bastam os desassocegos que as trazem os fatos inoffensivos. até Antonio Silvino aparece agora com a sua inspiração e os seus versos.<sup>20</sup>

Como indivíduo que estava marginalizado e ausente da circulação social, a imprensa passou a atribuir inúmeras discussões sobre Silvino, representando-o como prisioneiro que vive a gozar das regalias do Estado e ainda ofende a nossa arte literária. O que leva a crer que, Silvino era algo que incomodava a sociedade, mesmo aprisionado, pois não se concebia um cangaceiro com moldes de homens modernos.

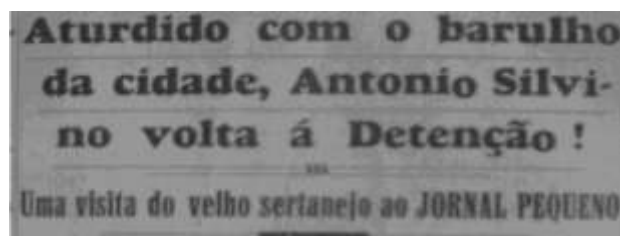
Silvino foi mostrado como ser moderno em seu tempo, mas também como anti-moderno ao sair da Detenção, pois para este cangaceiro a modernidade e o impacto urbanístico do Recife no final da década de trinta, era algo atordoante e que era preferível viver sob as condições de cárcere do que conviver com o atordoado barulho da cidade.

É o que confirma, por exemplo, um título de matéria do Jornal Pequeno:

---

<sup>19</sup> Jornal Pequeno 08/03/1915

<sup>20</sup> Jornal Pequeno 21/01/1915



21

Segundo os jornais, que neste momento dedicavam páginas aos feitos de Lampião, Antonio Silvino era o reflexo de que a ressocialização e a correção das ações criminosas era possível. Portanto, em alguns momentos foi para a imprensa um homem moderno e em outros anti-moderno. O primeiro por ter hábitos citadinos e por ressocializar-se e o segundo por ter estado inserido numa realidade, o Cangaço, que fora combatida pelos discursos da época.

É importante analisar, que cruzando as fontes, pode-se perceber várias representações que foram atribuídas para Antonio Silvino e que este indivíduo viveu diferentes realidades desde o sertão, passando pela Detenção até sua liberdade em 1937.

O que é importante compreender, é que não existe uma única imagem ou verdade para este indivíduo, mas várias, que denotaram uma realidade micro<sup>22</sup>, a vida de Silvino, e outra macro: o doido varrido do século XX que trouxe a oposição: Modernidade *versus* Cangaço.

---

<sup>21</sup> Jornal Pequeno 03/04/1937

<sup>22</sup> Outra discussão que proponho é de visualizar a realidade macro-social a partir de indivíduos, cruzando fontes e adentrando no referencial metodológico da microhistória, paradigma que tem por grande expoente o historiador Carlo Ginzburg.

## **BIBLIOGRAFIA:**

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. *A Invenção do Nordeste e outras artes*. 2ª edição. Recife – FJN. Ed. Massangana. Cortez, 2001.

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. *Nordestino. Uma invenção do falo: uma história do gênero masculino (Nordeste – 1920-1940)*. Maceió, Ed Catavento. 2003.

BARBOSA, Severino. *Antonio Silvino: O Rifle de Ouro. Vidas, combates, prisão e morte o mais famoso cangaceiro do sertão*. 2ª edição. Recife. CEPE. 1979

BEZERRA, Gregório Lourenço. *Memórias (primeira parte 1900-1945)*. Rio de Janeiro. Editora Civilização brasileira. 3ª edição. 1980.

CHANDLER, Billy Jaynes. *Lampião o rei dos cangaceiros*. 4ª edição. Rio de Janeiro. Paz e Terra. 1980.

CHARTIER, Roger. *A História Cultural: entre práticas e representações*. Lisboa: DIFEL. 2002.

DANTAS, Sérgio Augusto de Souza. *Antonio Silvino: o cangaceiro, o homem, o mito*. Rio Grande do Norte. Ed. Cartograf. (?)

FACÓ, Rui. *Cangaceiros e Fanáticos: Gênese e lutas*. 9ª Edição. Rio de Janeiro - RJ. Ed. Bertrand Brasil. 1991.

GINZBURG, Carlo. *O queijo e os vermes: o cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela Inquisição*. São Paulo. Companhia das Letras. 2002.

GRILLO, Maria Ângela de Faria. *A Arte do Povo: Histórias na literatura de cordel (1900-1940)*. Tese de doutoramento em História social – UFF-RJ. Niterói - RJ. 2005.

HOBBSAWM, E. J. *Bandidos*. São Paulo. Forense-Universitária. RJ – 1975.

NASCIMENTO, José Anderson. *Cangaceiros, Coiteiros e Volantes*. São Paulo Ed. Ícone. 1998.

REZENDE. Antonio Paulo de Moraes. *(Des)Encantos modernos: Histórias da cidade do Recife na década de vinte*. Recife. FUNDARPE. 1997.

SETTE, Mario. *Maxambombas e maracatus*. Recife. FUNDARPE. 4ª edição. 1981.

## **PERIÓDICOS:**

Jornal Pequeno. 07/02/1907

Diário de Pernambuco 18/02/1908

Correio do Recife. 18/06/1910

Jornal Pequeno 21/01/1915

Jornal Pequeno 08/03/1915

Jornal Pequeno 03/04/1937

Relatório da prisão de Antonio Silvino, feito pelo Tenente Teófanos Ferraz Torres. 01/12/1914. Fundo SSP. Delegacia de Polícia. Delegacia de Taquaretinga (vol-1910- 1916),

BATISTA, Francisco das Chagas. *A História de Antonio Silvino*. Recife. 1907

